

V. S. NAIPAUL

# UMA CASA PARA O SR. BISWAS

*Tradução*

Paulo Henriques Britto



Copyright © 1961, 1969, 1983 by V. S. Naipaul

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

A house to Mr. Biswas

*Capa*

Jeff Fisher

*Preparação*

Jô de Melo

*Revisão*

Adriana Moretto

Flávia Yacubian

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Naipaul, V. S., 1932-

Uma casa para o sr. Biswas / V. S. Naipaul ; tradução Paulo  
Henriques Britto. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original : A house to Mr. Biswas.

ISBN 978-85-359-1454-2

1. Ficção inglesa I. Título.

10-04940

CDD-823

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

2010

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

# SUMÁRIO

Prefácio à edição Vintage 7

Prólogo 17

## PRIMEIRA PARTE

1. Bucólica 25
2. Antes dos Tulsi 54
3. Os Tulsi 97
4. The Chase 164
5. Green Vale 237
6. Uma partida 333

## SEGUNDA PARTE

1. “Cenas extraordinárias” 348
2. O novo regime 410
3. A aventura de Shorthills 440
4. Entre os leitores e estudiosos 487
5. O vazio 553
6. A revolução 597
7. A casa 639

Epílogo 653

Sobre o autor 659

## PRIMEIRA PARTE

### 1. BUCÓLICA

Pouco antes de o sr. Biswas nascer, sua mãe, Bipti, e seu pai, Raghu, brigaram mais uma vez. Bipti pegou seus três filhos e foi a pé, apesar do sol quente, até a aldeia onde morava sua mãe, Bissoondaye. Lá chegando, Bipti chorou e contou as velhas histórias de sempre sobre a avareza de Raghu: ele anotava cada centavo que dava a ela, contava todos os biscoitos que havia na lata, caminhava quinze quilômetros para não ter de pagar um pêni ao carroceiro.

O pai de Bipti, que a asma tornara inválido, recostou-se na cama de cânhamo trançado e disse, como sempre fazia nos momentos difíceis:

— É o destino. Não se pode fazer nada.

Ninguém lhe deu ouvidos. Fora o destino que o trouxera da Índia para aquela plantação de cana-de-açúcar, o fizera envelhecer rapidamente e agora o deixava morrer não morrer numa choupana de barro no meio de um pântano; porém ele falava do Destino com frequência e num tom afetuoso, como se o simples fato de ainda estar vivo fosse uma graça a ele concedida.

Enquanto o velho falava, Bissoondaye mandou chamar a parteira, preparou uma refeição para os filhos de Bipti e aprontou camas para eles. Quando a parteira chegou, as crianças já dormiam. Pouco tempo depois, acordaram com os gritos do sr. Biswas e da parteira.

— É o quê? — perguntou o velho. — Menino ou menina?

— Menino, menino — gritou a parteira. — Mas que diabo de menino! Seis dedos e nasceu errado.

O velho gemeu, e Bissoondaye disse:

— Eu sabia. Eu não tenho sorte mesmo.

Imediatamente, embora já fosse noite e a estrada estivesse deserta, ela saiu da choupana e caminhou até a aldeia mais próxima, onde havia uma cerca viva de cactos. Voltou trazendo folhas de cacto, cortou-as em tiras e pendurou uma tira acima de cada porta, cada janela, cada abertura pela qual um espírito mau pudesse entrar na choupana.

Mas a parteira disse:

— A senhora pode fazer o que quiser, que este menino vai devorar a mãe e o pai.

Na manhã seguinte, à luz de um sol forte que dava a certeza de que todos os espíritos maus haviam desaparecido da face da Terra, veio o pândita,\* um homenzinho magro de rosto sarcástico e modos desdenhosos. Bissoondaye o fez sentar na cama de cânhamo, da qual o velho havia sido retirado, e lhe disse o que havia acontecido.

— Hm. Nasceu errado. À meia-noite, a senhora afirma.

Bissoondaye não dispunha de relógio, mas tanto ela quanto a parteira imaginavam que o evento ocorrera à meia-noite, hora nefasta.

De súbito, o pândita, sentado à frente de Bissoondaye, que estava de cabeça baixa e coberta, deu um sorriso.

— Ah, isto não importa. Sempre se dá um jeito de contornar estas infelicidades. — Abriu sua trouxa vermelha e tirou de dentro dela um almanaque astrológico, um maço de folhas grossas, compridas e estreitas, soltas, entre dois pedaços de papelão. As folhas estavam amareladas com o tempo e tinham um cheiro de mofo que se misturava com o odor da cola de sândalo, vermelha e cor de ocre, que havia sido salpicada nelas. O pândita levantou uma folha, leu um pouco, umedeceu o dedo indicador na língua e levantou outra folha. Por fim, ele disse: — Em primeiro lugar, as feições deste pobre menino. Ele terá dentes bons, porém um tanto largos e bem

\* Brâmane versado em sânscrito e em filosofia e religião hinduísta. (N. T.)

separados. Acho que a senhora sabe o que isto quer dizer. Este menino vai ser um devasso e um perdulário. Provavelmente será mentiroso também. É difícil dizer exatamente o que significam estes dentes espaçados. Pode ser só uma dessas coisas, ou então as três.

— E os seis dedos, pândita?

— Isto é mau sinal, naturalmente. O único conselho que posso dar é que devem mantê-lo afastado das árvores e da água. Principalmente da água.

— Nunca dar banho nele?

— Não é bem isso que quero dizer. — O pândita levantou a mão direita, juntou os dedos e, inclinando a cabeça para o lado, acrescentou, falando lentamente: — É preciso interpretar o que o livro diz. — Deu uns tapinhas com a mão esquerda no almanaque desengonçado. — E, quando o livro fala em água, creio que é a água no estado natural.

— Estado natural.

— Estado natural — repetiu o pândita, porém com um tom de incerteza. E acrescentou rapidamente, com um toque de irritação na voz: — O que quero dizer é que devem manter o menino afastado dos rios e lagos. E do mar, é claro. E mais uma coisa — ajuntou, satisfeito —, o espirro dele dá azar. — Começou a guardar as folhas compridas de seu almanaque. — Boa parte do mal que este menino certamente há de causar será atenuada se impedirem que o pai o veja durante vinte e um dias.

— Isso é fácil — disse Bissoondaye, falando com emoção pela primeira vez.

— No vigésimo primeiro dia, o pai *tem* que ver o menino. Mas não em carne e osso.

— No espelho, pândita?

— Acho desaconselhável. Use um prato de latão. Bem areado.

— Claro.

— É preciso encher este prato de óleo de coco, o qual, aliás, tem de ser preparado pela senhora, feito com cocos que a senhora mesma colheu; e o pai deve ver o rosto do filho refle-

tido neste óleo. — O pândita amarrou as folhas do almanaque e embrulhou-as no pano de algodão vermelho, que também estava salpicado com cola de sândalo. — Creio que é só.

— Esquecemos uma coisa, pândita. O nome.

— Quanto a isso, não posso lhe dar uma orientação completa. Mas me parece que não há nenhum perigo em usar o prefixo *Mo*. Cabe à senhora escolher o resto.

— Ah, pândita, o senhor tem que me ajudar. Só consigo pensar em *bun*.

O pândita ficou surpreso e sinceramente satisfeito.

— Mas é excelente! Excelente. *Mobun*. Eu mesmo não seria capaz de achar um nome melhor. Pois Mohun, como a senhora sabe, quer dizer “o amado”, e foi o nome dado pelas ordenhadoras ao Senhor Krishna. — Seu olhar enterneceu-se quando ele se lembrou da lenda e por um instante pareceu esquecer-se de Bissoondaye e do sr. Biswas.

De dentro do nó na extremidade do véu Bissoondaye tirou um florim e o ofereceu ao pândita, murmurando desculpas por não poder dar mais. O pândita respondeu que ela fazia o que podia e que não se preocupasse. Na verdade, ele estava satisfeito, pois esperava menos. O sr. Biswas perdeu o sexto dedo antes de completar nove dias de idade. Uma noite, o dedo simplesmente caiu por si só, e Bipti teve a desagradável surpresa de ver, ao sacudir os lençóis certa manhã, aquele dedo minúsculo cair no chão. Bissoondaye achou que aquilo era um excelente sinal e enterrou o dedo atrás do estábulo, nos fundos da casa, perto do local onde havia enterrado o cordão umbilical do sr. Biswas.

Nos dias que se seguiram, o sr. Biswas foi tratado com atenção e respeito. Seus irmãos ganhavam tabefes quando perturbavam seu sono, e a flexibilidade de seus membros foi encarada como um assunto de grande importância. De manhã e à noite, faziam-lhe massagens com óleo de coco. Todas as suas juntas eram exercitadas; seus braços e pernas eram dobrados na diagonal sobre seu corpo vermelho reluzente; o dedão do pé direito era levado até o ombro esquerdo, o dedão do pé esquer-

do era levado até o ombro direito e os dois dedões eram levados até o nariz; por fim, juntavam-se todos os membros do menino à altura do ventre, quando então eram soltos, com um bater de palmas e uma risada.

O sr. Biswas reagiu bem a esses exercícios, e Bissoondaye tornou-se tão confiante que resolveu fazer uma comemoração no nono dia. Convidou gente da aldeia e serviu comida a todos. O pândita veio e foi de uma cortesia inesperada, embora seus modos dessem a entender que, não fosse sua intervenção, não haveria o que comemorar naquele dia. Jhagru, o barbeiro, trouxe seu tambor, e Selochan dançou a dança de Shiva no estábulo, o corpo todo impregnado de cinzas.

Houve um momento desagradável, em que apareceu Raghu, o pai do sr. Biswas. Ele viera a pé; sua tanga e sua jaqueta estavam sujas e suadas.

— Ora, muito bem — disse ele. — Uma comemoração. E onde está o pai?

— Saia desta casa imediatamente — disse Bissoondaye, vinda da cozinha. — Pai! Que espécie de pai é esse que expulsa a mulher cada vez que ela fica de barriga?

— Isso não é da sua conta — disse Raghu. — Onde está meu filho?

— Pois vá. Deus castigou seu orgulho e sua avareza. Vá ver seu filho. Ele vai devorar você. Tem seis dedos e nasceu errado. Vá ver seu filho. E, além disso, o espirro dele dá azar.

Raghu estacou.

— O espirro dá azar?

— Eu avisei. Você só pode vê-lo quando ele completar vinte e um dias. Se fizer alguma besteira agora, a responsabilidade é sua.

De sua cama de cânhamo o velho resmungava ofensas dirigidas a Raghu.

— Sem-vergonha, malvado. Quando vejo as coisas que esse homem faz, começo a achar que chegou a Era Negra.

A briga e as ameaças que se seguiram limpavam a atmosfera. Raghu admitiu que não tinha razão e que já havia sofrido muito por isso. Bipti disse que estava disposta a voltar para ele.



E Raghu concordou em voltar quando se completassem vinte e um dias.

Em preparação para aquele dia, Bissoondaye começou a catar cocos secos. Abria-os, ralava as polpas e extraía o óleo recomendado pelo pândita. Era uma atividade trabalhosa: tinha de ferver a massa, recolher o material sólido que subia à superfície, ferver de novo; e era espantoso o número de cocos necessário para se fazer um pouco de óleo. Porém Bissoondaye conseguiu preparar o óleo a tempo, e Raghu veio, bem vestido, o cabelo esticado e reluzente de brilhantina, o bigode aparado, e com toda a educação tirou o chapéu e entrou no quarto escuro no interior da choupana, que cheirava a óleo e sapé velho. Segurou o chapéu do lado direito do rosto e olhou para o óleo no prato de latão. O sr. Biswas, escondido do pai pelo chapéu e todo embrulhado da cabeça aos pés, foi seguro de rosto para baixo, um pouco acima do prato. Não gostou daquilo; franziu a testa, fechou os olhos com força e começou a berrar. A superfície do óleo, cor de âmbar, ondulou-se, dissolveu o reflexo do rosto do sr. Biswas, já distorcido de raiva, e a sessão terminou.

Alguns dias depois, Bipti e as crianças voltaram para casa. E a importância dada ao sr. Biswas foi diminuindo pouco a pouco. Até que mesmo a massagem diária foi abandonada um dia.

Assim mesmo, porém, ele tinha uma certa distinção. Jamais esqueceram que era uma criança azarenta, principalmente quando espirrava. O sr. Biswas se resfriava com facilidade e na estação das chuvas ameaçava lançar a família à miséria. Se o sr. Biswas espirrava antes da hora de seu pai ir para a plantação de açúcar, Raghu ficava em casa, cuidava da horta de manhã e passava a tarde fazendo bengalas e tamancos ou pondo entalhes decorativos em cabos de alfanjes e castões de bengalas. O desenho favorito de Raghu era um par de botas de cano alto; ele jamais possuía botas desse tipo, porém já vira o superintendente usando-as. Mas Raghu não saía de casa de jeito nenhum. Assim mesmo, muitas vezes pequenos desastres ocorriam depois que o sr. Biswas espirrava: perdiam-se três

*pence* nas compras, quebrava-se uma garrafa, virava-se um prato. Uma vez o sr. Biswas espirrou três manhãs seguidas.

— Esse menino vai devorar a família mesmo — dizia Raghu.

Certa manhã, quando tinha acabado de atravessar a vala que separava a estrada do terreno da casa, Raghu parou de repente. O sr. Biswas havia espirrado. Bipti saiu correndo e disse:

— Não faz mal. Ele espirrou quando você já estava na estrada.

— Mas eu ouvi. Perfeitamente.

Bipti convenceu-o a ir trabalhar. Uma ou duas horas depois, quando estava escolhendo o arroz do almoço, ela ouviu gritos vindos da estrada e foi ver o que era. Encontrou Raghu deitado num carro de boi com a perna direita envolta em bandagens ensanguentadas. Estava gemendo, não de dor, mas de raiva. O homem que o trouxera recusava-se a ajudá-lo a andar até a casa: o espirro do sr. Biswas já era famoso. Raghu teve de ir mancando, apoiado no ombro de Bipti.

— Esse menino vai transformar todos nós em mendigos — disse Raghu.

Falava movido por um medo profundo. Embora economizasse e privasse a família e a si próprio de muitas coisas, jamais deixou de pensar que estava prestes a afundar na miséria. Quanto mais dinheiro acumulava, mais se convencia de que ia desperdiçar e perder tudo, e mais cuidadoso se tornava.

Todos os sábados ele entrava na fila de trabalhadores à porta do escritório da plantação para receber o salário. O superintendente ficava sentado à frente de uma mesa pequena, na qual colocava o chapéu cáqui de cortiça, um desperdício de espaço, porém símbolo de riqueza. À sua esquerda sentava-se o funcionário indiano, altivo, severo, preciso, de mãos pequenas e hábeis que escreviam números pequenos e nítidos em tinta preta e vermelha num grande livro-razão. À medida que o funcionário indiano anotava as cifras e anunciava nomes e quantias com sua voz aguda e precisa, o superintendente ia escolhendo moedas das pilhas de prata e montes de cobre a sua frente e, com maior parcimônia,

retirava cédulas das pilhas de notas azuis de um dólar, da pilha menor de notas vermelhas de dois dólares e da pilha mínima de notas verdes de cinco dólares. Poucos trabalhadores chegavam a ganhar cinco dólares por semana; aquelas notas estavam ali para pagar aqueles que estavam recebendo por si próprios e por seus cônjuges. Cercando o chapéu de cortiça do superintendente como que para protegê-lo, havia sacos de papel, massudos, cortados em cima, com precisão, com uma tesoura denteada, que ostentavam números grandes e ficavam perfeitamente na vertical devido ao peso das moedas que continham. Havia furos nítidos e redondos nestes sacos, graças aos quais as moedas podiam ser vistas e, segundo haviam dito a Raghu, podiam respirar.

Estes sacos fascinavam Raghu. Ele havia obtido alguns deles e depois de muitos meses e algumas manobras um pouco desonestas — como trocar uma moeda de um xelim por doze pênis, por exemplo — conseguira enchê-los. Depois, nunca mais conseguiu perder essa mania. Ninguém, nem mesmo Bipti, sabia onde ele escondia os sacos; porém comentava-se que Raghu enterrava seu dinheiro e era talvez o homem mais rico da aldeia. Esses rumores muito preocupavam Raghu; para neutralizá-los, ele adquiria hábitos ainda mais austeros.

O sr. Biswas crescia. Os braços e pernas que antes eram massageados e banhados em óleo duas vezes por dia agora ficavam sujos e enlameados e passavam dias sem serem lavados. A desnutrição que lhe dera o sexto dedo azarento agora o atormentava com o eczema e feridas que inchavam e supuravam e criavam casca e supuravam outra vez, até começarem a feder; os tornozelos, joelhos, pulsos e cotovelos eram os mais afetados, e as feridas deixavam cicatrizes semelhantes a marcas de vacina. A desnutrição o deixara com o peito bem fundo, os membros bem finos; reduzira-lhe o crescimento e lhe dera uma barriga mole, cada vez maior. E, no entanto, percebia-se que ele crescia. Nunca se dava conta de estar sentindo fome. Nunca se importou de não ir à escola. A única coisa desa-

gradável na vida era o pândita tê-lo proibido de chegar perto de lagos e rios. Raghu nadava muito bem, e Bipti queria que ele ensinasse os irmãos do sr. Biswas a nadar. Assim, todas as manhãs de domingo Raghu levava Pratap e Prasad para nadar num riacho não distante, e o sr. Biswas ficava em casa, onde Bipti lhe dava banho e abria-lhe todas as feridas de tanto esfregar-lhe o corpo com sabão azul. Porém uma ou duas horas depois as feridas paravam de doer, começavam a criar cascas, e o sr. Biswas sentia-se feliz novamente. Brincava em casa com a irmã, Dehuti. Misturavam terra amarela com água e faziam lareiras de barro; cozinhavam alguns grãos de arroz em latas vazias de leite condensado; e, usando as tampas das latas como tabuleiros, faziam *rotis*.\*

Dessas brincadeiras Prasad e Pratap não participavam. Com nove e onze anos respectivamente, já haviam deixado para trás essas frivolidades e trabalhavam, colaborando de bom grado com as plantações, nas quais era burlada a lei que proibia a contratação de crianças. Havia adquirido maneirismos de adultos. Falavam com folhas de capim entre os dentes; bebiam ruidosamente e suspiravam, enxugando os lábios com as costas das mãos; comiam quantidades enormes de arroz, davam tapinhas na barriga e arrotavam; e aos sábados entravam na fila para receber o salário. Seu trabalho consistia em tomar conta dos búfalos que puxavam as carroças carregadas de cana-de-açúcar. Os búfalos tinham predileção por uma poça cheia de lama, de águas açucaradas, a pouca distância do engenho; ali, juntamente com mais uma dúzia de meninos de pernas magras, barulhentos, alegres, cheios de energia e cheios de si, Pratap e Prasad passavam o dia todo no meio da lama, entre os búfalos. Quando chegavam em casa, tinham as pernas cobertas de lama que, ao secar, ficava branca, de modo que pareciam essas árvores de delegacia ou de corpos de bombeiros que são caiadas de branco até a metade dos troncos.

\* Pães redondos, semelhantes ao pão árabe, porém mais finos. (N. T.)